

PREÂMBULOS PARA UM INÍCIO DE CONVERSA: PROJETO DESAFIO EM PAUTA!

PREAMBLE FOR A START OF TALK: PROJETO DESAFIO EM PAUTA!

ENTREVISTADO:



Eduardo Arriada - O professor foi um dos alunos da UFPel que, em 1993 deu origem ao Desafio, bem como o primeiro Coordenador como projeto de extensão. Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal de Pelotas na Faculdade de Educação, no Departamento de Fundamentos da Educação. Possui graduação em História pela Universidade Católica de Pelotas (1986), graduação em Estudos Sociais pela Universidade Católica de Pelotas (1985), graduação em Direito pela Universidade Federal de Pelotas (1986), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991) e doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). realizou Pós-Doutorado na University of Illinois at Urbana-Champaign (2016). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Educação, Educação Secundária, Educação Imperial, século XIX, História da Educação e Rio Grande do sul, o campo editorial do livro didático, história de editoras e livrarias, produção e circulação de livros.

ENTREVISTADORAS:

Noris Mara Pacheco Martins Leal - Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1991), mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007) e Doutoranda do PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural Universidade Federal de Pelotas. Atualmente é Professora Adjunta, membro colegiado do Bacharelado em Museologias - UFPel, Tem experiência na área de História, com ênfase em Museologia, atuando principalmente nos seguintes temas: acervo, museu, museologia, museus e patrimônio.

Lúcia Maria Vaz Peres - Formação inicial Pedagogia, especialização em Psicopedagogia, mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-doutorado na universidade do Minho em Portugal, na área de estudos em Psicologia e Imaginário. Atualmente é professora Titular da Universidade Federal de Pelotas e assessora do gabinete da reitoria. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: imaginário, educação e imaginário e (auto) formação de professores. Atua na graduação e na pós-graduação. Líder do grupo de pesquisa GEPIEM (Grupo de estudos e pesquisas sobre imaginário, educação e memória).

RESUMO

O ano de 2018 foi marcado pelos 25 anos do Projeto Desafio Pré-Universitário. Neste espaço de tempo, o Projeto deixou de ser independente, sem com isso ferir seu caráter de autogestão, e passou a fazer parte do sistema de extensão da UFPel. Em 2017, assumiu o status de projeto estratégico da Pró-reitoria de Extensão e Cultura - PREC, com o intuito de institucionalmente fortalecer seu caráter extensionista e socialmente referenciado, construindo, assim, um modo de autogestão compartilhado entre estudantes que protagonizam este projeto, o professor coordenador e a PREC. Ao longo destes 25 anos, o projeto ocupou vários espaços. Em 1993, o projeto começou com uma turma; hoje, são atendidas de cinco a seis turmas por ano, divididas entre extensivo e intensivo. O número de integrantes do projeto pode chegar a 300 estudantes ano, com mais de 80 educadores alunos de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado da UFPel. Este fato vem transformando este projeto num grande e importante espaço de experimentação e, porque não dizer, de formação de professores, cuja experiência como aprendiz na docência ultrapassa o número de horas realizadas nos estágios obrigatórios das licenciaturas, além de ter um caráter diferenciado, visto que as discussões e reflexões são compartilhadas entre os estudantes ministrantes de disciplinas, tanto na área como no grande grupo. Com isso, pretende-se garantir o trabalho de autogestão e da interdisciplinaridade político-pedagógico nas ações do projeto.

Palavras-chave: Desafio Pré-Universitário. UFPel. PREC. Extensão.

ABSTRACT

The year 2018 was marked by the 25 years of the Projeto Desafio Pré-Universitário. In this period of time, the Project ceased to be independent, without thereby affecting its character of self-management, and became part of the UFPel extension system. In 2017, it assumed the status of a strategic project of the Pró-rectory of Extension and Culture - PREC, with the intention of institutionally strengthening its extensionist and socially referenced character, thus building a shared self-management mode among students who are protagonists of this project, coordinating teacher and PREC. Throughout these 25 years, the project has occupied several spaces. In 1993, the project began with one class; today, five to six classes per year are divided between extensive and intensive. The number of project members can reach 300 students a year, with more than 80 educators graduate students, master, doctorate and postdoctoral of UFPel. This fact has transformed this project into a large and important space for experimentation and, let's not say, teacher training, whose experience as an apprentice in teaching exceeds the number of hours taken in the compulsory stages of the degrees, besides having a differentiated character, seen that the discussions and reflections are shared among the student subjects, both in the area and in the large group. With this, it is intended to guarantee the work of self-management and of the political-pedagogical interdisciplinarity in the actions of the project.

KEYWORDS: Desafio Pré-Universitário. UFPel. PREC. Extension.

¹ Projeto de extensão registrado no sistema da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura em 24 de outubro de 1994.

Antes de passarmos à entrevista com o Prof. Dr. Eduardo Arriada, um dos fundadores do PROJETO DESAFIO na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), achamos por bem fazermos alguns preâmbulos sobre o tema em pauta.

O ano de 2018 foi marcado pelos 25 anos do Projeto Desafio Pré-Universitário, ou Pré-Vestibular como na sua origem, a mudança na nomenclatura, para adaptar as novas formas de ingresso no ensino superior, não mudou os seus objetivos iniciais, que são o de “habilitar aqueles que desejam ingressar pela primeira vez na universidade e que, por sua situação de carência econômica, se vêem alijados dos cursos pré-vestibulares particulares”¹, e o de lutar por um ensino superior público e gratuito de qualidade.

Neste espaço de tempo, o Projeto deixou de ser independente, sem com isso ferir seu caráter de autogestão, e passou a fazer parte do sistema de extensão da UFPel. Em 2017, assumiu o status de projeto estratégico da PREC (Pró-reitoria de Extensão e Cultura), com o intuito de institucionalmente fortalecer seu caráter extensionista e socialmente referenciado, construindo, assim, um modo de autogestão compartilhado entre estudantes que protagonizam este projeto, o professor coordenador e a PREC. Ao longo destes 25 anos, o projeto ocupou vários espaços. Na sua gênese, no ano de 1993, teve sua primeira sala no interior do Círculo Operário Pelotense, situado na rua Almirante Barroso. No decurso destes anos, ocupou salas em vários prédios mantidos pela universidade e, finalmente, no ano de 2017, a atual gestão da UFPel, que tem como reitor Pedro Rodrigues Curi Hallal e vice-reitor Luis Isaias Centeno do Amaral, com o intuito de melhor valorizá-lo, passou à categoria de projeto institucional. Sendo assim, foram designadas algumas salas no antigo Colégio Sallis Goulart, situado na Rua Félix da Cunha, nº 510, dividindo espaço com estudantes regulares de diferentes cursos da UFPel. Em 1993, o projeto começou com uma turma; hoje, são atendidas de cinco a seis turmas por ano, divididas entre extensivo e intensivo. O número de integrantes do projeto pode chegar a 300 estudantes ano, com mais de 80 educadores alunos de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado da UFPel. Este fato vem transformando este projeto num grande e importante espaço de experimentação e, porque não dizer, de formação de professores, cuja experiência como aprendiz na docência ultrapassa o número de horas realizadas nos estágios obrigatórios das licenciaturas, além de ter um caráter diferenciado, visto que as discussões e reflexões são partilhadas entre os estudantes ministrantes de disciplinas, tanto na área como no grande grupo. Com isso, pretende-se garantir o trabalho de autogestão e da interdisciplinaridade político-pedagógico nas ações do projeto.

A seguir passamos à entrevista com o Prof. Dr. Eduardo Arriada, neste número da Expressa Extensão. Agora é com ele!

1. Gostaríamos de ouvir sobre as motivações que, há 25 anos, levaram jovens estudantes a sonhar e realizar um projeto deste porte. Que força era esta? O que desejavam? E quem eram seus parceiros?

Primeiramente gostaria, de forma breve, justificar parcialmente as minhas respostas: tentar narrar sonhos, utopias e desejos de 25 anos pretéritos impõe uma primeira reflexão. Escrevo, a partir do hoje, tentando, isso sim, refletir o que pensamos na época.

Bem, a primeira questão que deve ser dita é que os jovens estudantes do remoto 1985 - pois foi com o processo de abertura do regime militar (Governo de Figueiredo) - tinham mais idealismo do que um corpo teórico que desse substrato para os seus anseios. Queríamos fazer algo em prol das camadas populares, dos humildes, dos oprimidos, daqueles que não tinham vez. Um autor nos marcava muito, Wilhelm Reich, com o seu "Escuta, Zé Ninguém",

esse alienado, com uma visão de mundo sem aparato crítico, uma total falta de consciência crítica. Em parte, eram esses os indivíduos com quem queríamos conversar, dialogar, mostrar um outro universo, no qual eles pudessem superar a sua condição alienante. Dizíamos na época que eram uma “classe em si”, mas não ainda uma “classe para si”, isso dentro do credo marxista. Lógico que éramos muito ingênuos, afinal, todos nós tínhamos em torno de 20 a 25 anos.

Outra questão que deve ser dita é que esse primeiro grupo começa a pensar na possibilidade de criar um espaço de debate, de formação política, reuniões sistematizadas de discussão, de troca de ideias, de busca de superação da falta de conhecimento, construção de uma visão mais elaborada, ou seja, superar o senso comum e atingir uma consciência crítica.

Esse grupo de estudantes era todo da Faculdade de Direito, não posso lembrar de todos, mas dos que me é possível, eram os seguintes: Eracy Lafuente Pereira, Celina Duarte Rinaldi, Ernani Schmit, além de mim. Aos poucos outros estudantes dos cursos de biologia, história, pedagogia, etc., foram se agregando: Cristine Lopes de Abreu, Rodrigo Dias, César Alexandre Bourcheid, Raquel Rodrigues Vieira. Mais tarde, outros estudantes se aproximaram, passando a ter uma participação ativa, caso de: Erenita Rodrigues Martins, Carmo Thum, Júlio Mello, Lara Cristina da Rocha, Quélen Garcia, Paula Lacerda, Luis Borges Pereira, entre outros que não tenho como lembrar.

Por fim, após diversas reuniões (inicialmente apenas com os estudantes do Direito), achamos que a possibilidade concreta era a criação de um cursinho pré-vestibular. Nesse espaço, pensávamos que seria possível “transmitir” (termo que usávamos muito na época) um pouco do que sabíamos, pois muitos de nós cursava, além do Direito, outro curso, no meu caso, estudava também História. Por fim, imaginávamos que esse nosso estudante deveria conhecer literatura, arte, música, teatro, cinema, etc. Nosso cursinho deveria formar um cidadão com uma formação geral e ampla. Ao tomar consciência da importância do saber e das artes, por si só, ele superaria sua condição de alienado (esse era o nosso pensamento na época).

2. Como era o contexto da época e qual foi a participação da UFPEL para que o projeto acontecesse?

Vivíamos os ares da abertura no final do regime militar. Pensávamos que agora sim o Brasil rumava para uma sociedade mais justa, com melhor distribuição de renda, etc. Aos poucos fomos percebendo que o primeiro governo pós regime militar não mudava em quase nada. Eleições indiretas, onde, com a morte de Tancredo Neves, assume o conservador, inepto e seguidor conservador de tudo que o Brasil tinha de pior, José Sarney. Depois, tivemos que suportar Collor de Mello.

As administrações da UFPEL seguiam esse mesmo diapasão, ou seja, títeres dessa estrutura burocrática, excludente e muito pouco progressista. Nesses tempos sombrios, vozes como do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, nos iluminavam na crença da dimensão humana dos humilhados e oprimidos. Apostávamos que a educação ainda era um norte e motivo de superação das mazelas.

Nosso início foi preparar estudantes para o ingresso na Universidade, preferencialmente na Universidade Pública, nascia o DESAFIO como um curso preparatório para a vida e, subsidiariamente, para ingresso no ensino superior. Inclusive, para se matricular no DESAFIO, os estudantes tinham que comprovar o término do ensino médio e fornecer comprovante de renda dos pais, certificando sua baixa renda.

Iniciamos atuando no Círculo Operário (Rua Almirante Barroso), onde conseguimos um

espaço físico com uma sala para direção e outra, de bom tamanho, para ministrarmos as aulas. Cada disciplina tinha um coordenador e mais três a cinco alunos/professores para auxiliarem na elaboração dos conteúdos e ministrar as aulas. Trabalhávamos na perspectiva de que muitos dos estudantes viriam a fazer parte da estrutura do DESAFIO, o que de fato aconteceu.

Essa estrutura contava com apoio de um departamento administrativo, de um departamento pedagógico e de um coordenador.

Tudo era decidido em assembleia, onde todos os que participavam do DESAFIO tinham direito a voto de igual peso. Em uma dessas assembleias (no geral realizadas nos sábados pela manhã), fora decidido a incorporação do cursinho à UFPel, agora como Curso de Extensão. Não lembro bem a data, mas acho que foi em 1994. Na época, o Pró-Reitor de Extensão era o Francisco Lafaiete. Embora eu já atuasse na Federal, como professor substituto da FAE (Faculdade de Educação), fui voto vencido. Achava que a nossa proposta inicial, de acima de tudo formar um indivíduo crítico e consciente, não seria mantida; a prioridade seria a aprovação dos estudantes, em detrimento de sua maior politização.

Mas um grupo majoritário entendia que, sem o apoio da Universidade, “nossa aventura” não duraria muito. No período em que não contávamos com a estrutura da Universidade, diversos sindicatos nos ajudavam com material (folhas, cadernos, espaço físico), além de organizarmos rifas e fazer, de vez em quando, pequenas arrecadações entre nós.

3. Considerando que o projeto DESAFIO tem como parâmetro a Educação Popular, queremos saber que premissas conceituais e práticas devemos considerar fundamentais para que ele esteja, verdadeiramente, fundamentado nessa abordagem?

Não ousaria a tecer comentários sobre as premissas e práticas que seriam e/ou poderiam dar sustentáculo ao DESAFIO neste momento. Posso, sim, explanar sobre os fundamentos na época em que foi gestado e fui coordenador. Dois autores nos davam os subsídios para pensar essa questão na época: Paulo Freire e Carlos Brandão. Em relação ao primeiro, duas obras eram para nós basilares: *Pedagogia do oprimido* e *Educação como prática da liberdade*. Nelas, buscávamos uma perspectiva democrática e, quanto ao processo de aprendizagem, a educação deveria se realizar com a pessoa. Isso supõe o engajamento, a colaboração, a participação, a tomada de decisões e a responsabilidade social e política daqueles que aprendem e daqueles que ensinam. Tínhamos presente diversas ideias de Freire, tais como: “alfabetizar (no sentido também de conscientizar) para que o povo emergisse da situação de dominado e explorado, e que assim se politizando pelo ato de ler a palavra pudesse reler, criticamente, o mundo”. Além de outras afirmações categóricas e premissas de significado, caso de: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho; os homens se libertam em comunhão” e “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Todas essas ideias centrais da obra *Pedagogia do oprimido*. A grande maioria de nós conhecíamos e sabíamos dessas frases. Elas eram o nosso norte.

De Carlos Brandão, tínhamos lido a obra “O que é educação”, pequeno volume da coleção da Editora Brasiliense, e “Educação Popular”, onde ele ensinava que haviam dois tipos de educação: uma para tornar os homens, mulheres, crianças, velhos, etc., sujeitos livres, e outra para ensinar uns a serem senhores e outros, escravos.

Pregava também o direito a uma educação escolar pública e gratuita, onde, então, era possível a emergência de uma educação popular como alternativa a uma educação excludente. A educação popular estava irremediavelmente comprometida com o oprimido. Desse modo,

o saber popular passa a ser valorizado, ele não se perde, nem se descarta, ele é parte do processo de ensino-aprendizagem, devendo apenas ser instrumentalizado para ser inserido num contexto de superação do senso comum. Muitas vezes, as camadas populares não conseguem sistematizar seu saber, sendo, então, desvalorizado frente a um saber hegemônico.

4. Tendo em vista o cenário político brasileiro, qual seria o desafio ao DESAFIO. Tipo: se tivesses de dizer algo tipo conselho, o que diria àqueles jovens que estão, no momento, a frente desse projeto?

Nunca perder a utopia. Defender princípios que acreditamos, tais como: escola pública, gratuita e obrigatória. Sempre que estivermos em dúvidas, crises ou dilemas, retornar e meditar sobre a nossa trajetória (no caso aqui, do DESAFIO), que já é longa e que possui uma rica trajetória de debates, lutas, e desejos... Acreditar que sempre temos algo a fazer. O fato de que milhões de seres humanos não sabem bem o que querem não significa que eles são os únicos responsáveis pelo não saber, mas, com certeza, grande parte disso é culpa daqueles que detêm o poder. Quando o homem se descobre no mundo, ele toma consciência de seu compromisso histórico, ele percebe a estrutura desumanizante da sociedade. Isso Paulo Freire tinha bem claro: quando os oprimidos tomam consciência dessa desumanização, eles começam a superar, a ter esperança, começam a saber que se constituem em gente. E gente não suporta a opressão.

5. Outras considerações que julgares pertinentes.

O nome criado por nós há muito tempo não deve jamais ser esquecido. Nasceu no sentido de sempre ser um desafio, ao mundo, a opressão, à violência, à dominação, à falta de respeito, à sensibilidade. A própria Universidade, quando o DESAFIO foi incorporado a mesma, queria que mudássemos. Pensaram até em colocar o nome inosso de: Cursinho Pré-Vestibular UF-Pel. Com luta, coerência e espírito de superação, mantivemos o mesmo nome. Espero que continue, pois isso diz muito de toda a sua trajetória.

Data de recebimento: 04 de janeiro de 2019.

Data de aceite para publicação: 14 de janeiro de 2019.